

CHAVES

(Santa Leocádia de Montenegro)

Santa Leocádia é uma freguesia do concelho de Chaves, distrito de Vila Real. A igreja de Santa Leocádia de Montenegro dista cerca de 19 km a sul da sede de concelho. Sair de Chaves atravessando a ponte sobre o Tâmega em direção à estrada N103. Andar cerca de 1 km e entrar na estrada N213 e logo a seguir virar à direita para a estrada R314. Andar cerca de 8 km e depois virar à esquerda permanecendo na estrada R314 e continuar por mais 7 km. A seguir virar à direita para a estrada CM1089 e a igreja de Santa Leocádia encontra-se cerca de 1,5 km à esquerda.

A implantação da igreja de Santa Leocádia é rural, rodeada de algumas pequenas casas, campos de cultivo e vegetação, localizando-se numa encosta da serra da Padrela virada a sudoeste, sobranceira à ribeira do Pontão. O adro da igreja está sobrelevado por pequena plataforma artificial. O adro é murado e o seu acesso frontal é feito por um portão de ferro, antecedido de escadório desenvolvido em leque, e ladeado de altos ciprestes. Em torno da igreja destaca-se um espaço ajardinado com relva onde se encontram dois sarcófagos antropomórficos.

Ao longo da encosta, a oeste da igreja, foi identificada a existência de um povoado romano que teve alguma extensão. O material que se exumou desta cronologia é considerável e que Lemos e Fontes explicam colocando a hipótese de Santa Leocádia ter sido uma *mutatio* numa estrada que apesar de secundária, desempenhou um papel importante durante o Alto Império, uma vez que cruzava o distrito mineiro de Jales-Três Minas, onde se exploravam extensas e valiosas jazidas de ouro.

A mais antiga referência documental a Montenegro, *mons niger*, remonta a 1029, localizada na carta de arras que o conde limiano D. Rodrigo Ordonhes constituiu a favor da condessa D. Toda Gonçalves. Em 1401, o Conde de Barcelos ao casar com a filha do Condestável Nuno Álvares Pereira recebe a terra do julgado de Montenegro, a qual integrará mais tarde o imenso património da Casa de Bragança.

Igreja de Santa Leocádia

A IGREJA DE SANTA LEOCÁDIA terá sido erguida sobre um antigo templo da época romana ou visigótica, e que tem paralelo com a Capela da Granjinha, no Vale da Anta, também no concelho de Chaves. As campanhas de restauro iniciadas em 1997 revelaram um alicerce de um muro anterior à edificação da igreja de Santa Leocádia. Lemos e Fontes recordam que esta Santa foi considerada a titular de uma basílica em Toledo, sendo qualificada nos IV e V concílios aí realizados como “virgem e confessora”.

Segundo as Inquirições de 1258, a igreja de Santa Leocádia era sede de uma das 18 paróquias que compunha o julgado de Montenegro. Martinho Rodrigues, prelado da igreja, afirmava então que a igreja não era do rei, nem nunca fora. Declarou que os patronos da igreja era os filhos e netos de diversos herdeiros, que enumera. Os

vários inquiridos declararam também os foros e os direitos que o rei detinha na paróquia.

Em 1287, *domino Joanne Didaci abate ecclesiae Sanctae Leocadie de Monte Negro* figura num acordo entre D. Telo, arcebispo de Braga, e os monges de Castro de Avelãs.

Segundo o Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino, ordenado por D. Dinis em 1320, a igreja de Santa Leocádia “do Monte” foi taxada em 500 libras, o valor mais elevado no contexto das igrejas da Terra de Chaves. A lista especifica que a igreja deverá pagar 300 libras “pela parte do reitor e as mais pelas dos interessados”. Este valor reflete tratar-se de uma igreja com generosos proventos.

Segundo o *Livro das Comendas da Ordem de Cristo* (1563), Santa Leocádia de Moreiras era uma das comendas novas

da apresentação do Duque de Bragança e o seu comendador era, então, Fr. Martim Vaz de Sousa.

Em meados do século XVIII, segundo a *Corografia Portuguesa*, o lugar de Santa Leocádia integrava a freguesia de Nossa Senhora da Assunção, que era comenda e reitoria da Casa de Bragança.

Em 1758, nas Memórias Paroquiais, Manuel Alves intitula-se reitor da “parochial igreja de Nossa Senhora da Assumpção de Santa Leocadia comarca de Chaves”. Afirma que a igreja matriz era padroado da apresentação da Casa de Bragança, tinha três altares e só uma nave. O orago da igreja era Nossa Senhora da Assunção. O pároco acrescenta uma informação que poderia justificar, de certo modo, o facto de se ter convertido em comenda “ha nesta freguezia tradiçam de que esta igreja fora do Templarios e que aqui aviam assistido”. Porém, em momento algum se refere a uma igreja dedicada a Santa Leocádia, nem nenhum dos altares da igreja matriz é dedicado à referida santa. Na freguesia há quatro capelas, porém, nenhuma é dedicada a Santa Leocádia. Consultando a informação das Memórias Paroquiais para as freguesias de Moreiras, Nogueira e Póvoa de Agrações, constatamos também não haver qualquer referência a uma igreja ou capela dedicada a Santa Leocádia.

Perante estas informações uma questão impõe-se: terá havido uma tentativa para mudar o orago da matriz da freguesia de Santa Leocádia no século XVII ou inícios do século XVIII? O que sabemos é que em meados do século XVI existia a igreja de Santa Leocádia de Moreiras; no início do século XVIII a freguesia designava-se Nossa Senhora da Assunção e integrava o lugar de Santa Leocádia e em meados desta centúria a freguesia designava-se Santa Leocádia e a igreja era dedicada a Nossa Senhora da Assunção. Não sabemos quando voltou a igreja a adotar o orago de Santa Leocádia.

A igreja de Santa Leocádia pertenceu ao arcebispado de Braga até à criação da diocese de Vila Real, em 1922.

Orientada e com desenvolvimento longitudinal, a igreja de Santa Leocádia de Montenegro é composta por nave única encabeçada por capela-mor retangular, ligeiramente mais estreita embora, caso raro, apresente a mesma altura. No alçado sul da abside adossa-se a sacristia, comunicando diretamente com esta. Edificada em aparelho de granito pseudo-isódomo, estando alguns silhares siglados. A igreja tem cobertura de duas águas na nave e na cabeceira e de uma só na sacristia. Destaca-se a elevação do alçado da nave que, aproximando-se já do verticalismo característico do gótico, confirma um desfaseamento cronológico



Perspetiva geral da igreja. Alçados oeste e sul



*Perspetiva geral
da igreja. Alçados
este e norte*



*Cabeceira.
Alçado este*



Fresta no alçado este da cabeceira

em relação à edificação da cabeceira. Contudo, a igreja foi alvo de uma profunda ampliação que terá ocorrido primeiramente no século XVI. Contudo, no século XVIII, terá sofrido nova intervenção, substituindo-se então a frontaria. Segundo Joana Costa Santos, o terramoto de 1755 terá provocado uma destruição parcial da igreja. Segundo esta autora, poder-se-á igualmente justificar a ampliação da igreja pela necessidade de dar resposta à incorporação do coro alto sobre o portal oeste, tendo-se alterado consequentemente a frontaria. O que é certo é que a nave foi aumentada no sentido do seu comprimento, o que determinou que a fachada oeste fosse totalmente alterada. Ao nível dos alçados laterais, norte e sul, este acréscimo torna-se perceptível pela alteração no alinhamento das fiadas.

A historiografia tende a considerar que esta igreja foi edificada durante o século XIII, dentro de um ambiente de resistência das formas românicas, que se vão tornando vernaculares. Mas a igreja foi sendo muito alterada na sua espacialidade e configuração ao longo da época moderna, pelo que os vestígios românicos remanescentes se confinam quase exclusivamente aos cachorros e à fresta da parede testeira da abside.

No alçado este da abside, aqui rasga-se uma fresta muito estreita, mas cujo alargamento para o exterior permite que seja profusamente decorada. É composta por arquivolta relevada com motivos florais escavados em



Cachorros do alçado sul da nave

círculos, três por cada face da aduela. A esta arquivolta correspondem colunelos cujo fuste foi decorado com caras, do lado esquerdo, e folhagens de remate boleado, do lado direito. Os capitéis apresentam túrgidas folhas de acanto sobre colarinho. A imposta tem folhas de acanto estilizadas relevadas e prolonga-se um pouco no alçado. Sobre esta assenta ainda o arco envolvente que com o seu enxaquetado contribuiu para a monumentalização do conjunto.

Nos alçados laterais, norte e sul, conserva-se a cachorrada românica, sustentando na abside uma cornija decorada com folhagens de remate boleado e na nave uma cornija já lisa. A secção retangular dos cachorros confirma a sua cronologia tardia, não obstante a diversidade de motivos que ostentam e a sua plasticidade, já mais naturalista. De notar que na área correspondente ao acréscimo da igreja, os cachorros são lisos.

No lado norte, na abside, destaca-se um cachorro com uma figura humana, em atitude dolorosa e segura por outra. Num outro vemos uma ave devorando quadrúpede e noutro um motivo que devido ao desgaste é difícil de identificar. Na nave há dezasseis cachorros cuja ornamentação inclui cabeças humanas, motivos geométricos e fitomórficos e outros de difícil interpretação, cabeças de touros, aves devorando quadrúpedes, um quadrúpede devorando outro, um peixe e por fim a cabeça de um animal que Joana



Pormenor dos cachorros do lado sul da cabeceira



Cachorros da cabeceira. Alçado norte



Interior. Perspetiva da nave e abside a partir do lado ocidental

Costa Santos propõe ser a de um lobo. Sensivelmente a meia altura do alçado persiste um conjunto de modilhões que pela sua configuração representavam focinhos de animais. Os modilhões mantêm o recorte para assentamento da viga de suporte de um alpendre, hoje desaparecido. Protegiam um portal lateral, definido por arco canopial, hoje emparedado. Sobre este rasga-se na espessura do muro fresta com alargamento para o exterior.

No alçado sul a sacristia esconde parte do alçado da cabeceira. Contudo, vemos ainda três cachorros onde se esculpiram motivos queridos à época românica, nomeadamente, uma figura humana acorada, um acrobata e um motivo geométrico. Também na nave se identificam dezasseis cachorros, entre os quais se destacam motivos geométricos e temas como o das aves a devorar quadrúpedes, animais de aspeto fantástico, devorando-se ou abraçando-se, cabeças de animal ou cabeças humanas. Neste lado da nave persistem ainda alguns modilhões idênticos aos do norte, bem como fresta semelhante, junto da qual se rasgou na época moderna um janelão retangular. O portal

também foi emparedado, persistindo a cicatriz do seu arco quebrado e dentro do qual se abriu pequena janela retangular, com desenvolvimento horizontal. Na padieira da primeira janela e porta da nave está gravada a data de 1824 e que poderá corresponder a uma intervenção com vista à remodelação desta igreja.

A fachada oeste, apesar de contida, resulta da ação de ampliação da igreja feita durante a época moderna, conforme indica o portal de verga reta sobrepujado por janelão gradeado retangular.

No adro da igreja de Santa Leocádia conservam-se dois sarcófagos desprovidos de tampa, um de tipo trapezoidal e outro subtrapezoidal, de contornos arredondados. Este último tem no exterior decoração constituída por um toro encordoadado à volta do sarcófago.

O interior da igreja foi bastante transformado durante a época moderna, estando os paramentos revestidos ora de vestígios de pintura mural, ora de caiado branco. Contudo, identificam-se ainda na nave algumas pedras sigladas. A partir do século XVI, a igreja sofreu grandes intervenções,

destacando-se as pinturas murais realizadas na capela-mor entre 1511 e 1513. O retábulo-mor barroco tapa completamente a parede fundeira da abside. A cobertura em madeira apresenta-se policroma, com motivos florais e fitomórficos, de feitura mais recente.

Digno de destaque é o arco triunfal, apesar de ter sido ampliado ao nível da amplitude do vão, o que poderá justificar a ausência de colunas. O arco tem uma configuração quebrada. Compõe-se de três arquivoltas que assentam sobre imposta e que ainda ostentam, sobre os motivos românicos, vestígios de policromia que julgamos contemporâneos das campanhas pictóricas seiscentistas da igreja. O arco envolvente mostra o motivo enxaquetado, o central denticulado com pequenas pérolas nos intervalos e o interior com círculos vazados, estes dois últimos entremeados por toros diédricos que animam o conjunto.

Na nave persiste mobiliário litúrgico como o coro alto, o púlpito e os retábulos colaterais da nave. Persiste uma pequena pia de água benta, junto da porta oeste, que tem sido atribuída à época românica.

Apesar dos vestígios da época românica na igreja de Santa Leocádia de Montenegro se restringirem à fresta da parede testeira da abside, aos cachorros que sustentam a cornija, aos modilhões que sustentaram as alpendradas laterais e às arquivoltas do arco triunfal, a verdade é que a sua plástica comprova a qualidade do estaleiro que aqui laborou. As transformações realizadas ao nível da estrutura

da igreja, ampliando-a a partir do século XVI, não nos permitem aferir da qualidade do seu portal oeste ou, até, do arranjo dos seus portais laterais. Atendendo à importância histórica do lugar desde a época romana, podemos aferir que durante a idade média terá continuado a marcar uma posição na geografia em que esta igreja se inscreve. Demonstra-o a taxa paga em 1320 e comprova-o a vontade de transformação (decorativa e estrutural) da igreja românica a partir do século XV.

Em 1961, a igreja de Santa Leocádia foi classificada como Imóvel de Interesse Público. Atualmente, serve de igreja paroquial. Nos finais dos anos 1990 a igreja de Santa Leucádia de Montenegro foi alvo de várias obras de conservação, ao nível do edifício e seus elementos decorativos.

Texto: MLB/JL - Fotos: JNG

Bibliografia

AFONSO, L.U., 2009, II, pp. 625-633; ALMEIDA, F., 1971, IV, p. 112; ANDRADE, G., 2002; BOISSELLIER, S., 2012, p. 158; COSTA, A.C., 1706-12, I, p. 510; DIAS, N.J.P.P., 1990, pp. 90-94; GEPB, 1935-60, XXVII, pp. 191-192; LENCART, J., 2018, p. 463; LEMOS, F.S. e FONTES, L., 2002; MEM. PAROQ. 1758 (2006), p. 246; PMH, INQ., pp. 1349-1350 (de 1258); OLIVEIRA, A.S. e CASTRO, L.A., 1964; SANTOS, J.C., 2005, pp. 30-55; SILVA; TEIXEIRA, R., 1996, pp. 106, 199.

